#01

PIVÔ Revista Magazine

2019



Vol. 1, n. 1, 2019

Eduardo Sterzi entrevista Letícia Ramos ∗ Portfólio: Sérgio Sister ∗ Crítica Comparada: *Histórias afro-atlânticas* ∗ Autocrítica: *Rocambole*, antes e depois ∗ Eduardo Sterzi interview Letícia Ramos ∗ Portfolio: Sérgio Sister ∗ Crisscrossed Critics: *Afro-Atlantic Histories* ∗ Self-critcism: *Roly-poly*, Before and After

#01

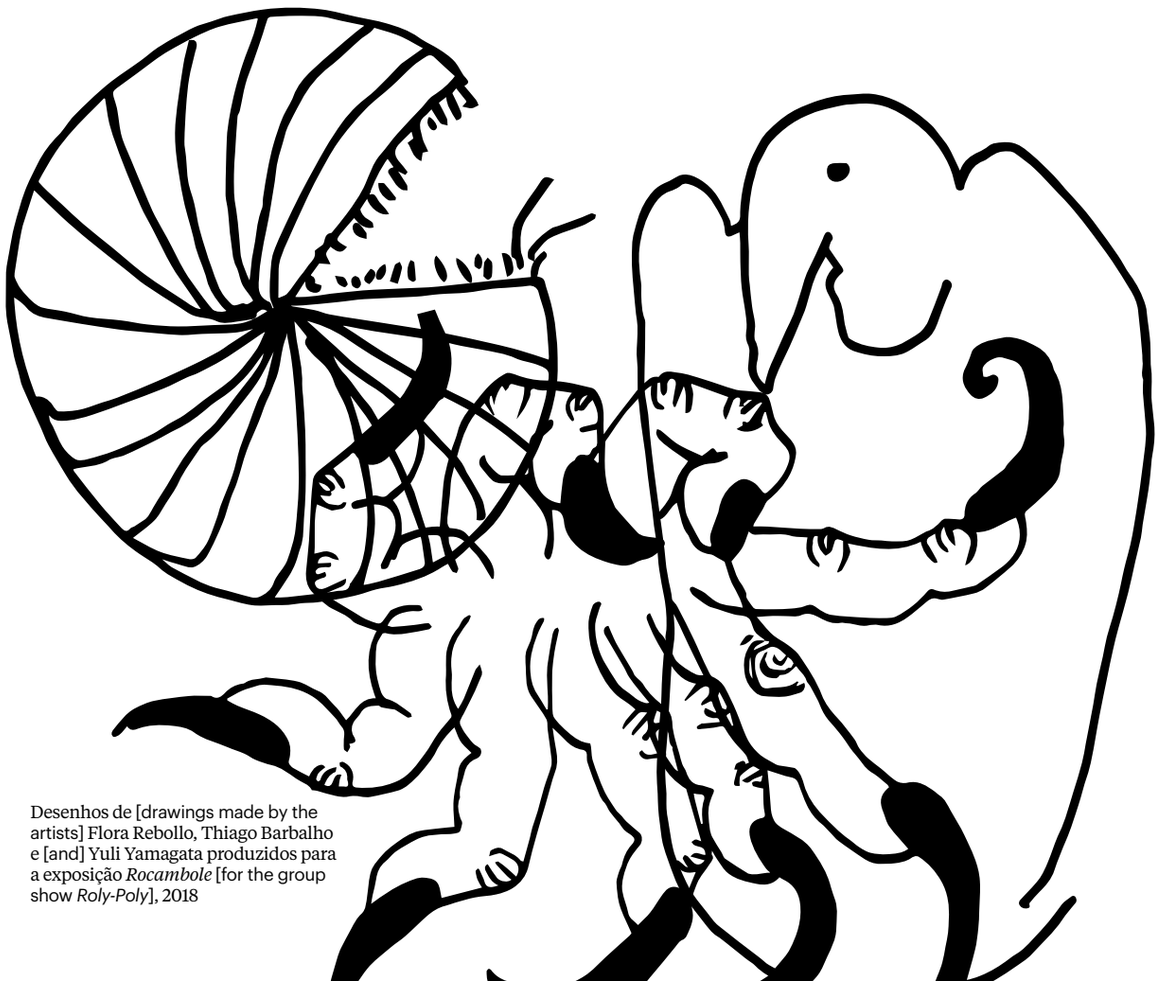
PIVÔ Revista Magazine

2019

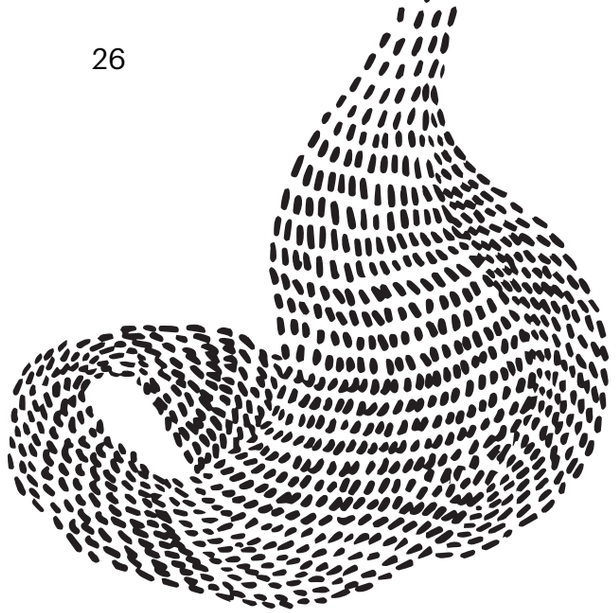
Vol. 1, n. 1, 2019

Autocrítica

Rocambole: antes e depois



Desenhos de [drawings made by the artists] Flora Rebollo, Thiago Barbalho e [and] Yuli Yamagata produzidos para a exposição *Rocambole* [for the group show *Roly-Poly*], 2018



Self-criticism

Roly-Poly: Before and After

A exposição *Rocambole*, organizada pelos artistas Flora Rebollo, Thiago Barbalho e Yuli Yamagata, nasceu no contexto do programa Pivô Pesquisa, que destina um grande espaço, livre de paredes, para quinze ateliês rotativos. A organização da arquitetura do Pivô facilita o trânsito e a conversa entre os residentes – ali, os artistas se conheceram e passaram a frequentar os ateliês uns dos outros, o que os fez propor à instituição, na sequência, esta exposição.

Os trabalhos apresentados em *Rocambole* evidenciavam a manufatura e empregavam técnicas tidas como mais rudimentares ou ao alcance das mãos – o desenho, a costura e os moldes manuais –, na contramão de aludir a tecnologia que caracteriza essa geração de artistas. Muitos dos materiais utilizados – a canetinha, o giz de cera e o lápis de cor –, apontavam uma suposta falta de nobreza, pois costumam ser associados ao diletantismo na prática de arte. A busca pelo singelo se estendia ao título da mostra e a algumas composições que evocavam o universo infantil, em figuras estufadas de espuma, desenhos tipo *doodle* e o emprego de cores fluorescentes. A expografia se desdobrava em uma espécie de jogral de afinidades entre as práticas de cada participante, em que o trabalho de um reverberava no do outro, dotados de humor e desembaraço. Algumas obras esbarravam-se sem cerimônias, como a escultura *Jogging*, de Yuli, simulacro de uma pequena perna em tecido, que calçava um tênis, e literalmente pisava no desenho Sem título, de Flora, disposto no chão. Outras eram de autoria coletiva, como a pintura *Mapa*, feita em conjunto por Flora e Thiago, onde ecoavam elementos similares, apontando o lugar em que suas práticas se aproximam. A mostra prescindia de um tema guarda-chuva e seu mote era a vontade de colaboração entre os envolvidos e o processo de construção, reflexo das produções individuais desses artistas, mais resultantes da prática cotidiana no ateliê do que originadas em enunciados textuais.

Em julho de 2018, por ocasião do encerramento da exposição, realizou-se uma Conversa Pública entre os participantes de *Rocambole*, a artista convidada Erika Verzutti e Fernanda Brenner, diretora artística do Pivô. A certa altura do debate, Erika sublinhou que, assim como ela, esses artistas fazem trabalhos de arte que não precisam de uma razão maior para existir além de simplesmente serem feitos. A artista também destacou a relevância de poder discorrer sobre decisões formais que não miram um assunto que se pretende "sério" ou "grandioso", mas que são a própria matéria da pesquisa. Notou-se, ainda, que os artistas de *Rocambole* fazem parte de uma geração, ativa nos últimos cinco ou dez anos, em que predominam práticas mais discursivas, em especial a partir de temas sociais e políticos.

*

The exhibition *Roly-Poly*, organised by artists Flora Rebollo, Thiago Barbalho and Yuli Yamagata, emerged from Pivô Research, a residency programme that provides a large open-space area for 15 rotating studios. The layout of Pivô's architecture facilitates movement and interaction amongst participants. Following their participation in the programme, the artists – who met at Pivô and spent time in each other's studios – decided to propose an exhibition.

The artworks exhibited in *Roly-Poly* focused attention on manufacturing and the use of techniques that are considered rudimentary or manual – such as drawing, sewing and manual moulding – as a counterpoint to the use of technological processes typical of the artists' generation. Some of the materials used – felt tip pen, chalk and pencil – suggest a purported lack of sophistication, as they are commonly associated with dilettantism in art. The artists' search for the uncomplicated was extended to the title of the show: *Roly-Poly*, a popular Brazilian roulade cake, and to some pieces that evoke the universe of children, such as stuffed toys, doodle drawings and the use of fluorescent colors. The exhibition was set up as a play on affinities between each artist's practice, where one production reverberated into the other, combining humour and a sense of ease. Some artworks touched each other unceremoniously; such as Yamagata's sculpture *Jogging*, resembling a small fabric leg wearing a training shoe, which literally stepped onto Rebollo's drawing Untitled, displayed on the floor. Other works were collective, such as the painting *Mapa* [Map], a collaboration between Rebollo and Barbalho, which evoke similar elements pointing to the common ground in their practices. The exhibition dispensed with an all-encompassing theme and its motto was a desire to collaborate and the process of making: symptoms that reflect these artists' individual productions, which are more the result of everyday practice in the studio than the product of textual formulations.

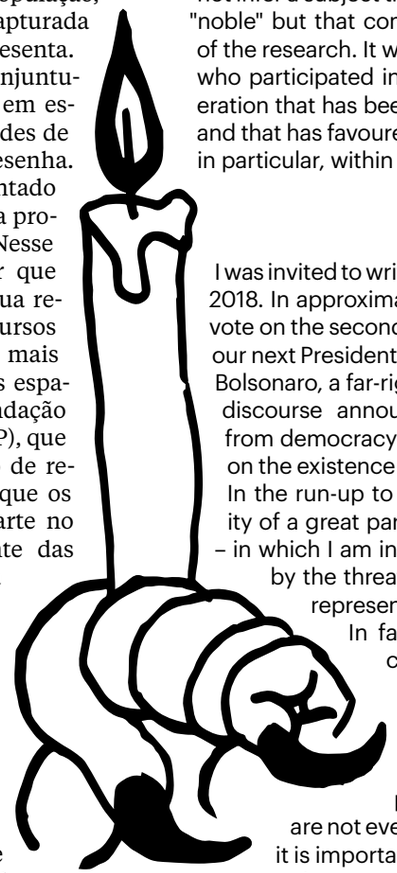




Vista da exposição *Rocambole* [Overview of the group show *Roly-Poly*] / Foto [Photo]: Everton Ballardin

Thiago Barbalho, *Leite desordenado* [Cluttered Milk], 2018
Foto [Photo]: Everton Ballardin

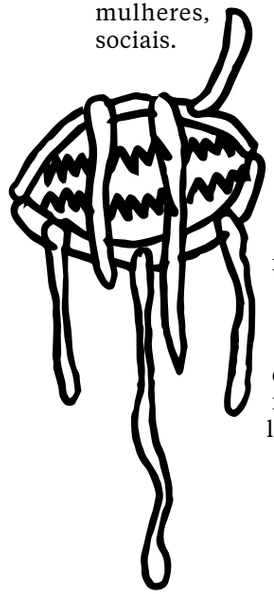
Recebo o convite para escrever sobre a exposição *Rocambole* em outubro de 2018, por volta de dez dias antes do segundo turno das eleições que vão definir o próximo Presidente do Brasil. As pesquisas revelam em primeiro lugar Jair Bolsonaro, candidato de extrema-direita, cujo discurso de ódio anuncia uma grave cisão com a democracia e, por consequência, abala a existência de um espaço de liberdade para a arte. Neste período que precede as eleições, a subjetividade de grande parcela da população, na qual me incluo, vem sendo capturada pela ameaça que o candidato representa.



Decerto, refletir sobre arte nesta conjuntura esbarra em muita apreensão, em especial com relação às possibilidades de livre expressão no Brasil que se desenha. No programa de governo apresentado por Bolsonaro não há sequer uma proposta para as políticas culturais. Nesse contexto, é importante destacar que o Pivô obtém a maior parte de sua receita a partir da captação de recursos por meio da Lei Rouanet, e, há mais de quatro anos, é um dos únicos espaços em São Paulo, ao lado da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), que mantém um programa contínuo de residências. Verifica-se, portanto, que os poucos espaços autônomos de arte no país dependem substancialmente das políticas públicas culturais para que continuem existindo.

Dia após dia, recentes episódios de ataques à cena artística no Brasil revelam motivações escusas e usos políticos. Em setembro de 2017, a partir de *posts* publicados nas mídias sociais do Movimento Brasil Livre (MBL), grupos conservadores de direita e religiosos neopentecostais conseguiram que o Santander Cultural, em Porto Alegre, fechasse a exposição *Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira*,[1] apenas alguns dias após sua abertura. Alegou-se que as obras apresentadas configuravam um atentado à moralidade e a promoção da pedofilia e da zoofilia. Dias depois, o alvo se voltou para a performance *La bête*, de Wagner Schwartz, apresentada no 35º Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). O ataque, ligado à acusação de pedofilia, mais uma vez foi iniciado nas mídias sociais do MBL e avançou para um grave linchamento virtual ao artista, que chegou a sair do país após sofrer inúmeras ameaças de morte. No mês seguinte, a exposição *História da sexualidade*, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), foi inaugurada com a proibição de visitação para menores de dezoito anos, fato inédito na história de setenta anos do museu.

Com o intuito de manipular a opinião pública a favor do desmonte das políticas públicas culturais, essas organizações de direita se alinham disseminando sistematicamente a noção de que artistas são agentes imorais, ligados a uma esquerda que ameaça os valores cristãos “da família”, além de “vagabundos sustentados pela Lei Rouanet”. É evidente a instrumentalização da arte por parte de uma agenda conservadora, em um amplo contexto de perseguição e tentativa de criminalização daqueles identificados com os movimentos de esquerda, bem como o projeto de banir o pensamento crítico e o debate associados a essa corrente política. À época de todos esses ataques, o candidato supracitado se aproveitou das polêmicas para aparecer de maneira efusiva na mídia, colocando-se em oposição às mencionadas mostras, chegando mesmo a afirmar, em um programa de televisão : “tem que fuzilar os autores dessa exposição” (em referência à *Queermuseu*). Com frequência, seu discurso alveja povos indígenas, negros, mulheres, LGBTQIA+s e movimentos sociais.



Na semana que antecede o segundo turno das eleições, o cenário político traumático se agrava, e o candidato chega a falar de exílio e prisão a seus opositores, enaltecendo a ditadura civil-militar, em outra oportunidade de pronunciamento público.[3]

Entrego este texto com Bolsonaro recém-eleito e com a convicção de que será preciso disputar, a partir de agora, de forma incessante um lugar de liberdade para a arte no Brasil.

*

In July 2018, to mark the end of the exhibition, Pivô hosted a Public Conversation with the artists behind *Roly-Poly*, who were joined by artist Erika Verzutti and Pivô Director Fernanda Brenner. Verzutti highlighted that – similarly to her own work – these artists make artworks that do not require a main reason to exist rather than the simple fact that they have been made. Verzutti also underlined the importance of being able to talk about formal decisions that do not infer a subject that is supposedly "serious" or "noble" but that compose the actual substance of the research. It was also noted that the artists who participated in *Roly-Poly* are part of a generation that has been active for five to ten years and that has favoured more discursive practices, in particular, within social and political themes.

*

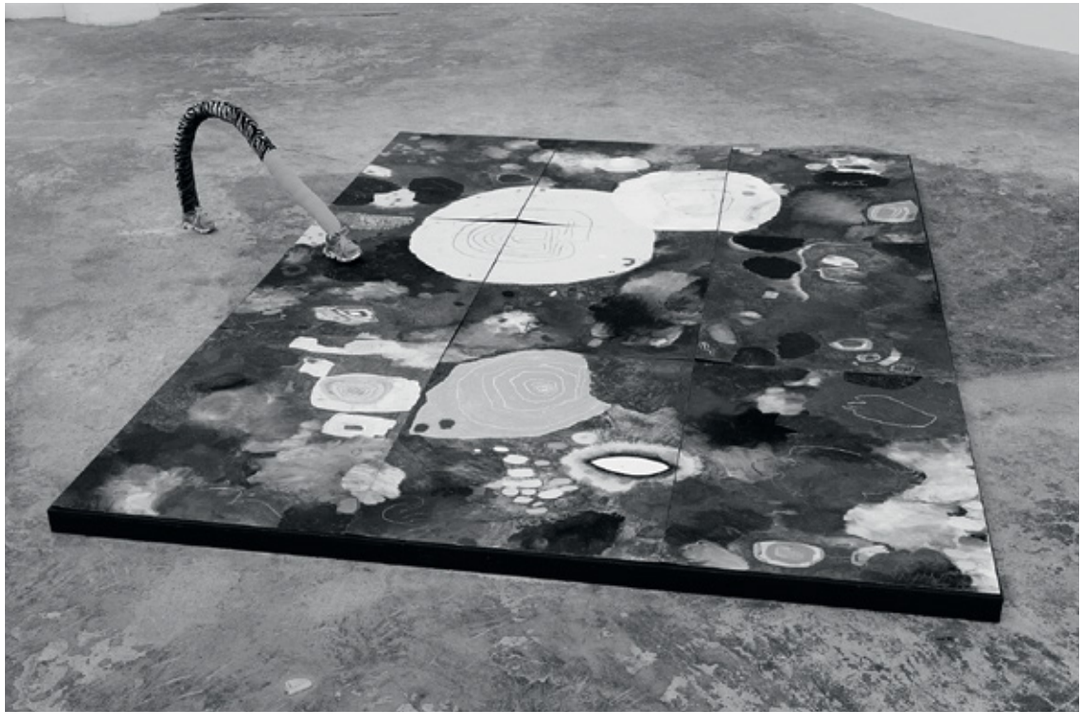
I was invited to write about *Roly-Poly* in October 2018. In approximately ten days, Brazilians will vote on the second round of elections to select our next President. The leader in the polls is Jair Bolsonaro, a far-right candidate whose hateful discourse announces a serious digression from democracy and, consequently, impacts on the existence of a space for freedom in art. In the run-up to the final vote, the subjectivity of a great part of the Brazilian population – in which I am included – has been engulfed by the threat that the leading candidate represents.

In fact, to reflect on art in this context fills me with great apprehension, particularly with regards to the future of free expression in Brazil. In Bolsonaro’s government proposal, cultural policies are not even mentioned. In this context, it is important to bear in mind that Pivô’s main source of funding is the Rouanet Law – an incentive law that is Brazil’s main instrument to support cultural projects – and that, for the past four years, the institution has been one of the few spaces in São Paulo, alongside Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), to offer an ongoing programme of art residencies. The limited number of independent art spaces in the country heavily relies on cultural public policies to survive.

Recent attacks on art in Brazil reveal ulterior motives and political machinations. In September 2017, encouraged by social media posts by right-wing activists Movimento Brasil Livre (MBL), conservative and Christian groups were successful in demanding that Santander Cultural, an art venue in Porto Alegre, close down the exhibition *Queer-Museum – Cartographies of Difference in Brazilian Art*, only a few days after its opening. The allegation was that the exhibited artworks were immoral and promoted paedophilia and zoophilia. Days later, a new target was Wagner Schwartz’s performance *La bête*, presented at the 35th Panorama of Brazilian Art at Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). The attack, also linked to an accusation of paedophilia, was once again triggered by MBL’s social media posts, which led to the vicious digital lynching of the artist, who left the country after several death threats. In the following month, the exhibition *Histories of Sexuality* – organised by Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) – set an over-18s admission policy, an unprecedented decision in the 70 years of the museum’s history.

These right-wing organisations are aligned with the objective of manipulating public opinion against cultural policies via the systematic dissemination of the notion that artists are immoral agents linked to a left-wing force that threatens "family values" and "tramps supported by Rouanet Law". This is an attempt to exploit art for the benefit of a conservative agenda, in a broader context of persecutions and the criminalisation of individuals who are perceived to be linked to left-wing parties, as well as an effort to abolish critical thought and intellectual debate associated with them. At the time of these attacks, the presidential candidate made gushing media appearances in order to profit directly from the controversy. In a TV show Bolsonaro declared his opposition to these exhibitions stating that: ‘the authors of this show [*Queer-Museum*] deserve to be shot’. His discourse often targets indigenous and black people, women, LGBTQIA+s and social movements. With only one week to the second round of presidential elections, tension is on the rise as the candidate spoke openly about the exile and incarceration of his adversaries, celebrating the civil-military dictatorship.

*





Yuli Yamagata, *Jogging*, 2018 / Flora Rebollo, Sem título [Untitled], 2018 / Foto [Photo]: Everton Ballardin

Vista da exposição *Rocambole* [Overview of the group show Roly-Poly] / Foto [Photo]: Everton Ballardin

De volta à mostra *Rocambole*, vale retomar o debate realizado meses atrás no Pivô. Os trabalhos apresentados na exposição não aspiravam a um conteúdo declaradamente político, mas ao escolherem enfatizar a importância do processo e do fazer, falavam da própria prática artística e reivindicavam uma das fundamentais missões do artista na sociedade: a elaboração de um espaço imaginativo coletivo, dotado de potências transformadoras. A função social da arte é urgente em tempos que flertam com o totalitarismo.

Um dos trabalhos de Yuli Yamagata, *Lagostine*, era uma pequena escultura de espuma que se parecia com um escorpião desengonçado, de grandes unhas afiadas, um tanto lascivas, pintadas de vermelho. A figura estava posicionada quase no teto, acima de uma janela, como que preparada para o bote. Afinal, a quem a arte pode parecer tão ameaçadora?

Livia Benedetti
é curadora, pesquisadora e co-fundadora do www.aarea.co
is a curator, researcher, and co-founder of www.aarea.co

I am submitting this article after Bolsonaro's recent election. Now, we must fight round-the-clock for a space of freedom for art in our society. Going back to *Roly-Poly*, it is worth revisiting the debate that took place at Pivô months ago. The artworks presented at the show are not openly political. However, by choosing to emphasise the importance of the process of making, they deal with artistic practice itself, claiming one of art's fundamental missions in society: to build a collective imaginative space, underpinned by transformative powers. In times of authoritarian tendencies, the social role of the artist is fundamental.

The exhibition featured Yamagata's *Lagostine*, a small foam sculpture resembling an ungainly scorpion with huge, sharp and somewhat lascivious claws with red-painted nails. The sculpture was displayed above a window, near the ceiling, as if ready to pounce. For whom does art seem so threatening?

1. Após seu fechamento, a exposição tornou-se um símbolo da luta contra a censura nas artes e ganhou novos capítulos. O Museu de Arte do Rio (MAR) se ofereceu para abrigar a mostra, porém a transação foi vetada pelo prefeito e bispo licenciado pela Igreja Universal Marcelo Crivella. Meses depois, a exposição foi finalmente realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, também no Rio de Janeiro, por meio de uma campanha de financiamento coletivo na internet que obteve grande apoio popular, alcançando centenas de milhares de reais a mais do que a meta inicial.
2. Programa *TV Verdade* do SBT/Alterosa, Minas Gerais, em 15 de setembro de 2017.
3. Fala proferida em 21 de outubro de 2018, e transmitida ao vivo, por vídeo, em telão na Avenida Paulista, São Paulo, para uma multidão de apoiadores.

1. After closing, the exhibition became a symbol of the struggle against censorship in art, and there were attempts to preserve it. Museu de Arte do Rio (MAR) offered to host the show; however, Mayor of Rio and Bishop of Universal Church Marcelo Crivella vetoed the transfer. Months later, the exhibition moved to Escola de Artes Visuais do Parque Lage, also in Rio de Janeiro, sponsored by a crowdfunding that enjoyed significant popular support and secured hundreds of thousands Reais over its initial goal.
2. TV show *TV Verdade*, broadcast by SBT/Alterosa, Minas Gerais, on September 15, 2017.
3. Speech given on October 21, 2018 and broadcast live on Paulista Avenue in São Paulo, for a multitude of supporters.